

Neste caso, todas as personagens são individualizadas.

Sente na literatura atual uma tendência para a uniformização das personagens?

Há autores que têm, de facto, um determinado mundo e personagens que, apesar de variações, parecem a mesma. As vezes, chegam a ser sempre o próprio autor. Não me parece que seja muito credível.

O que faz uma boa personagem?

As suas características, ser diferente, ter um mundo próprio e inserir-se num jogo de energias com as outras personagens, para assim criar atração, repulsa, conflito, luta, choque, fúria. O universo é uma constelação de forças. Transporte essa ideia para criar uma constelação dos momentos da vida.

Essa constelação seria a família?

Com as suas mentiras, os seus erros, as suas histórias falsas. As famílias nunca são perfeitas, escondem e recalcam, o que dá origem a muitos conflitos.

E a muita literatura?

Também, na medida em que revela o que normalmente não se fala. Esse é um dos muitos papéis da Literatura.

Neste romance, aborda com algum humor o drama do Alzheimer, com a Ana a confessar a certa altura que fingia ter essa doença para a família não se sentir obrigada a visitá-la. Pus-me muito no lugar dessa personagem, precisamente porque também eu não quero tornar-me um peso para a minha família.

Na altura, terei de pensar numa solução. O estratagemma de fingir pareceu-me interessante para a narrativa. Reforça a ideia de ator e da vida enquanto palco, como dizia Shakespeare.

FRAGMENTOS DE VIDA

Este livro também surgiu das notas que toma nos seus cadernos?

Sim. Registei muita coisa relacionada com os últimos anos de vida da minha mãe, o que ela dizia, mesmo quando já não havia nexo ou sentia que estava perante memórias transfiguradas. Nesse sentido, há um rigor factual, pois procuro sempre o real. Claro que não uso, ao contrário dos pintores nas suas colagens, este material em bruto, mas a realidade está sempre por baixo das minhas histórias.

Já publicou dois desses cadernos (Os Guardas-Chuvas Chitilantes e Águas Livres). Como se relaciona com eles? Quando quer escrever um livro vai consultá-los?

Nunca parto para um livro sem ter escrito um sem fim de papéis. É um mar de notas que anda comigo, como uma recordação dos dias que passam. Mas não sou de consultar muito estes cadernos. Só quando me lembro que já escrevi sobre determinado assunto que quero tratar num novo livro. Vou deixan-

do acumular à espera do momento oportuno. Até se dar um clique. Estes cadernos têm a vantagem, que um diário não tem, de terem uma noção muito flexível de tempo, como de resto os meus livros. Não há datas concretas. Posso avançar e recuar, reviver e ser subjetiva.

Nestes cadernos, interessa-lhe também a ideia de fragmento?

Muito, porque a vida é feita de fragmentos. Como a felicidade, que não é um estado a que se chegue. Apenas um pedaço de sol, luz, calor, pequenas coisas que encontramos pelo caminho.

Na sua sucessão de vozes, Passagens também é um livro fragmentário?

Claro. São capítulos diferentes que buscam o fragmento para construir um todo. Mas nisso não é diferente de qualquer romance, por mais clássico que seja. Até nas grandes obras, naquelas em que tudo parece ter uma sequência, é impossível eliminar os espaços vazios. Há sempre lacunas e saltos. Nunca saberemos tudo sobre coisa nenhuma. Nem sobre nós. Tudo é fragmentário.

“Há rios de lágrimas dentro das pessoas”, diz uma personagem. Poderíamos dizer o mesmo sobre os tempos que estamos a viver?

A vida não está fácil, de facto. Sente-se uma grande violência, muito medo. O mal é um tema que me interessa, não em termos metafísicos, mas como realidade que podemos modificar.

“Cada livro procura a maneira certa de ser contado. Só tenho de obedecer. O que, às vezes, dá muito trabalho, porque exige recomençar do zero”

O que pode modificar o escritor? A Literatura não é uma varinha mágica. Não vai mudar o mundo. Mas pode mudar mentalidades. Os livros transformam desde logo o escritor, que passa a ter uma consciência mais aguda do mundo à sua volta e do próprio mal que tem dentro de si. Esse é o primeiro passo para não perder o mal da sociedade em que vive. Não podemos estar constantemente na bancarrota, com os enormes custos sociais que acarreta. Há séculos que isso acontece. Temos de dizer basta, exigir o direito a sermos bem governados. Não podemos facilitar. Temos ter coragem para denunciar quem nos violenta. JM.



OS DIAS DA PROSA
Miguel Real

Cartografia da existência

Passagens, novo romance de Teolinda Gersão (TG), é porventura o seu texto mais realista, evidenciando a evolução da família em Portugal desde o Estado Novo até aos momentos atuais. Um realismo que, como o nome indica, espelha os movimentos sociais mais relevantes, desde o fascínio feminino de Olimpia por Tiago, recusando-se a acreditar que o marido lhe mentira, expressão do estatuto da mulher ao longo da primeira metade do século XX, até à atração física entre Joana e Miguel e a incontrolável paragem de ambos num motel a meio da estrada para se amarem.

Com efeito, o novo realismo de TG não é feito da mesma massa do realismo prevalente no romance português entre os finais do século XIX e a década de 1950. Não só não respeita a cronologia como assenta em situações e momentos sociais instantâneos simbólicos, uma espécie de nós semânticos e ideológicos do texto, condensadores do tempo, pelos quais confluem passado, presente e futuro. Neste sentido, a categoria de tempo evidencia-se como eixo central de *Passagens* (e dos restantes romances da autora), centrado na morte de Ana (anúncio, velório e cerimónia fúnebre), pela qual se desenha o realismo da evolução da sua família no último meio século. Pelo presente – o presente do texto, desdobrado nos três momentos referidos, que constituem as três partes do romance – o passado é evocado pelas personagens em confínios fragmentos recorrentes, tecendo uma espiral temporal descontínua na qual cada momento é apresentado desligado dos restantes, retornando sempre ao acontecimento inicial: a morte de Ana.

Neste sentido, o fragmentarismo e a descontinuidade textual habituais nas narrativas de TG são unidas apenas na mente do leitor que, no caso de *Passagens*, rememora, vai rememorando, ao longo da leitura, as falas teatrais de cada personagem, e elas são múltiplas: Marta, António, Eduardo, Miguel, Hugo, Rosinha, Madalena, Joana... as senhoras do lar onde Ana se encontra internada, bem como os mortos invocados, Bernardo, Tiago, Olímpia, Laura...

A arte da narrativa em TG reside na suprema mestria de criar pequenos dédalos mentais com base nas “falas” isoladas das personagens: cada uma, falando para si, fragmentária e descontinuamente, acrescenta um dado novo à construção do labirinto global que constitui o tecido geral da história. Maria Helena Martins Dias designa com acerto esta arte de contar uma história por TG como “realismo intimista” (*O Pacto Primordial entre Mulher e Escrita na Obra Ficcional de Teolinda Gersão*, S. Paulo, 1992, pp. 17 ss. – policopiado): realismo, porque dirige o texto à representação do real; intimismo, porque este é representado por via da consciência da narradora ou das personagens.

Com efeito, a totalidade de *Passagens* desenrola-se no interior da consciência das personagens (aqui representadas ao modo do drama teatral), como se o romance constituísse uma gigantesca mônada mental e dentro dela se transitasse de consciência para consciência, de ponto de vista individual para

ponto de vista individual, sem nunca se evocar as fontes reais senão a vida existencial de cada uma.

Como na maioria dos romances da autora, as personagens principais são mulheres e é o seu ponto de vista social que é tematizado: as ilusões de Olímpia, a vida fracassada e a morte de Tiago, o laborismo e as depressões de Marta, o quotidiano das empregadas do lar, a vida de Ana com Bernardo, a agitação dos filhos, os netos, Luísa como segunda mulher de António e a aparente rivalidade entre esta e Marta...; intentando captar os momentos existenciais de passagem, tanto da vida para a morte (pp. 129 – 130) quanto os momentos principais de desequilíbrio no interior de uma vida, que à de todos está interligada: “Também nós, os vivos, andamos em viagem, a cada instante mudamos de visão e perspectiva, o nosso mundo interior é um contínuo, tudo é sempre uma sucessão de passagens” (p. 141).

É justamente o que Teolinda Gersão pretende captar literariamente: os momentos individuais de passagem de uma fase para outra no toda da existência de cada leitor, figurando-os em diversas personagens com vidas diferentes. Uma espécie de cartografia ge-

ral da existência apresentada de um modo labiríntico. Presumo

A sua arte da narrativa em Teolinda reside na suprema mestria de criar pequenos dédalos mentais com base nas ‘falas’ isoladas

que pela primeira vez um romance português aborda o tema da eutanásia. Ana, internada num lar, percebe o seu destino a sua vez de uma fonte de

incomodidade e de embaraço para a vida dos seus descendentes, aborda sem sucesso Hugo, o neto médico, para que este lhe recete uns comprimidos que a ajudem a morrer (p. 147). Não conseguindo, simula que sofre da doença de Alzheimer, para libertar os familiares das contínuas visitas (p. 81), já que finge não os conhecer, nem mesmo a filha Marta, passando a representar uma loucura que não possui. O drama da velhice e da decadência é aqui evidenciado com todo o realismo.

Fragmentário e descontínuo, a melhor maneira de começar a ler este romance será, porventura, pelo texto final, entre as pp. 165 e 183, um dos mais belos hinos à Mãe, texto tão realista como lírico, mesmo enteneecedor, digno de figurar em futuras antologias dedicadas a este tema. JM.



> *Teolinda Gersão*
PASSAGENS
Sextante, 184 pp., 15,50 euros